

# AS CAUSAS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A maneira de encarar o fenômeno da desigualdade cultural e econômica dos países varia consideravelmente com a perspectiva mental adotada, isto é, com o jogo de causas atribuídas, nem sempre clara e conscientemente, pelo observador. Antes de prosseguirmos nossas considerações sobre o subdesenvolvimento convém determo-nos por alguns instantes no problema mais abstrato das causas, porque já ai começam as grandes, as estonteantes divergências humanas. A rigor, pode-se dizer sem exagero que a atitude que alguém toma diante de um fato político ou econômico qualquer, o tratado de Roboré por exemplo, depende da metafísica subjacente e mais particularmente da noção de causa que está enraizada nas profundidades inconscientes da alma. Em outras palavras eu diria que qualquer discussão, conduzida com elegância acadêmica ou levada com desordenado calor, tenha ela por objeto a sucessão presidencial, o monopólio estatal do petróleo, a mudança da capital, a política econômica do café ou qualquer outro problema da conjuntura, é sempre, no fundo, uma discussão filosófica. Só há discussões e divergências por há atitudes fundamentais diferentes diante de determinado objeto. A rigor talvez se possa dizer que não há guerra que não seja filosófica ou religiosa. Vale pois a pena, vez por outra, tomar consciência das profundezas metafísicas do nosso conhecimento e abordar com lealdade algum problema aparentemente afastado da questão em pauta. E quanto mais prática e mais conjuntural for a questão, mais vale a pena filosofar. Filosofemos, pois.

Desde que o pensamento filosófico tornou-se claro e consciente na cultura, o problema das causas surgiu com todas as suas exigências; desde Aristóteles tornou-se hábito mental do filósofo ver nas causas a alma do conhecimento verdadeiramente ordenado e sistematizado. O conhecimento científico não consiste apenas em saber que tal coisa aconteceu, nem que tal coisa costuma acontecer na companhia de tal outra. Um fato ou uma soma de fatos catalogados ou relacionados, por mais fiel que seja a observação ou por mais engenhosa que seja a arrumação, não basta para proporcionar um conhecimento científico. Só há ciência onde há conhecimento pelas causas, onde há considerações explicativas da razão de ser. O mundo moderno, mercê de sua formação nominalista, tem certa tendência de dignificar a massa de informações por sua diversidade, por sua abundância, chegando a definir uma disciplina científica como um simples conjunto de informações e correlações. Na verdade, as informações e mesmo as correlações são apenas o corpo, a matéria do conhecimento científico. Mais adiante voltaremos a alguns curiosos paradoxos da cultura de nosso tempo em torno da noção de causa. Por agora exponhamos pacificamente o pensamento clássico, segundo o qual a alma do conhecimento científico está nas relações de causalidade que o observador logra apreender entre os diversos elementos dos fenômenos. Mas o que é uma causa? A primeira solução de tão grave problema pode ser dada em termos de senso comum: é a resposta de um porquê. Instintivamente o homem pergunta a razão de ser de uma coisa; pergunta, por assim dizer, sua genealogia metafísica, seu encaideamento ontológico e não apenas histórico. A inteligência percebe a contingência dos seres postos na existência, e indaga o mecanismo de tal instalação.

Indaga a razão de ser daquilo que em si mesmo não tem a cabal explicação de sua existência. E essa é a procura mais nobre, mais fina, mais pura, mais casta que pode fazer a inteligência humana. E é no prosseguimento dessas indagações que a inteligência percebe a esterilidade do recurso à multiplicação infinita para a explicação primeira de todas as coisas. A noção de causa é uma noção terrível, uma noção sagrada, e pode-se dizer sem excesso de esquematização que o drama intelectual do mundo tem girado em torno do martírio dessa noção. Em termos mais comedidos e, mais filosóficos, diremos que a noção de causa, dotada de extrema flexibilidade, de rica analogicidade, pode ser assim definida: "Causa é um princípio real, positivo, do qual a coisa causada (efeito) procede com dependência no ser. A causa tem função explicativa, não somente lógica, mas também ontológica; não é apenas um liame de inteligibilidade armado pela inteligência do observador, é um liame da razão de ser e de transmissão de existência.

A classificação das causas é a seguinte. Divide-se primeiro em Intrínseca e Extrínseca. As causas intrínsecas são a FORMAL e a MATERIAL. As extrínsecas são a EFICIENTE e a FINAL. A causa eficiente se divide por sua vez em PRINCIPAL e INSTRUMENTAL. Tomando o exemplo clássico da estátua de mármore representando o Rei David é relativamente fácil discriminar as quatro causas; mas nem sempre o problema tem a mesma simplicidade. Em cada domínio da atividade intelectual predomina este ou aquele tipo de causa. Nas matemáticas a causa predominante e quase exclusiva é a formal; na física matemática moderna é a causa formal e a causa eficiente; na química clássica era a causa material que quase definia a disciplina; na química moderna é a causa formal e a eficiente. Na ordem prática, técnica ou ética, prevalece a causa final, a mais prática e a mais teológi-

ca das causas. Se vemos um instrumento, um aparelho, um utensílio qualquer, a primeira pergunta que nos surge é a do "para quê". Se um de nós entra num laboratório de física ou de química, cada aparelho posto diante de nós arma aquela primeira pergunta relativa à causa final: para quê servirá aquele aparelho? A causa final domina assim toda a instrumentalidade da ciência, mas não tem licença para entrar no âmago das considerações científicas. Está no laboratório mas não está no universo. Um fisiologista pode efetivamente estudar cuidadosamente o aparelho da visão sem armar nenhum problema relativo à finalidade. Em outras palavras, em vez de dizer, como o senso comum e como o metafísico, que o animal tem olhos "para ver", o cientista que não se quer comprometer dirá que o animal vê porque tem olhos. Coloca-se no plano das causas formais e eficientes e deixa de lado, como extra-científica, a causa final. Torna-se grave a conjuntura intelectual quando todo o mundo, levado pelo prestígio da ciência moderna, e pela tendência absurdamente antimetafísica de tal influência, passa a desprezar a causa final. Para o materialista não há lugar para a causa final em todo o universo, porque causa final supõe não somente a tendência, a direção, o alvo, mas também e sobretudo a intenção primeira de tal tendência ou tal atingimento. Para o materialista que cultiva o cientificismo, é levado ao máximo aquele curioso contraste de um laboratório repleto de causas finais e de um mundo arquitetado no acaso, ou no probabilismo, que é uma forma mais decente, digamos assim, do acaso. O materialista deve ter todo o cuidado de evitar a causa final fora do domínio dos artefatos. A rigor, os regimes oficialmente materialistas, como a União Soviética, deviam banir ou fuzilar os cidadãos que tivessem o atrevimento de dizer que têm olhos "para ver". Porque, quem assim diz está abrindo uma brecha perigosa pela qual, como no cavalo de Troia, pode entrar no regime a invencível idéia de um Deus todo poderoso. Criador do céu e da terra.

A noção de causa surgiu da observação dos fenômenos e da constância de certas correlações. Nem sempre, entretanto, a correlação observada prova dependência causal, positiva e real. Em primeiro lugar, a correlação pode ser apenas fortuita. Em segundo lugar pode ser sinal de uma causa comum não evidenciada, ou pode provar a existência real de um tipo de procedência chamado "condição" que difere essencialmente da causa pelo fato de ser apenas um princípio que torna possível a ação da causa sem ter a sua eficácia. Dou um exemplo aqui mesmo na sala onde escrevo. Se apertar o botão do interruptor a luz se acende. Quem observar o fenômeno e a correlação dirá que há relação causal eficiente entre o meu dedo e a luz que aparece na lâmpada. Na verdade, meu dedo não é causa da incandescência, nem da luz. É causa da integridade do circuito a qual é condição "sine qua non" para a ação da causa eficiente que está na usina produtora de electricidade.

A observação dos fenômenos nos leva a considerar certos fatos que não são filhos legítimos de uma certa linha de causalidade, mas resultam da interseção fortuita de duas ou mais linhas de causalidade. São fatos bastardos, fatos que

de certo modo podemos dizer que não têm causa ou que merecem o nome metafísico de acaso. O mundo está cheio, atulhado, de fatos assim. Tomemos um exemplo mais moderno do que o do homem que comeu comida salgada de Aristóteles. Tomemos um exemplo em que o fortuito seja mais escandaloso.

João dirigindo seu carro, atropela Antonio, bom pai de família, numa esquina da fatídica Avenida Getúlio Vargas. Todos nós sabemos que tal fato depende de um décimo de segundo. Voltamos a fatos anteriores da história recente de Antonio. João saía de casa quando a esposa gritou-lhe qualquer coisa da janela. Parou o carro e ouviu o recado para passar numa sapataria da rua Uruguaiana. João Parte e mais adiante encontrar um amigo a quem oferece a condução. Poderemos dizer, filosoficamente, que foi o sapato da esposa de João que causou a morte de Antonio? Poderemos dizer que foi a amabilidade de João e os poucos segundos dados ao amigo que causaram o acidente? É claro que, apesar de toda a extensa analogicidade da noção de causa, não podemos dizer que a morte de Antonio está para o sapato da esposa de João, assim como o ovo está para a galinha. A morte de Antonio não pertence a nenhuma das linhas de causalidade, mas torna-se realidade na interseção. Concluímos que há no universo concatenações causais e interseções acidentais; que há naturezas seguindo leis necessárias e produzindo suas operações próprias, e cruzamentos de órbitas produzindo perturbações e acidentes. O universo, como propôs Jacques Maritain, é uma desconcertante composição de natura e aventura. E é diante de tal espetáculo que os homens frequentemente se perdem em intermináveis discórdias.